

A PESSOA DE JORGE ANDRÉ SWIECA\*

A. LUCIANO L. VIDEIRA

Departamento de Física, PUC/RJ

Corria o ano de 1954, ano do suicídio de Vargas, ano de turbulência política. Eu, decidido a fazer Física tive que me empenhar a fundo para tentar descobrir naqueles idos se esse estudo esotérico seria exequível em nosso País. Com alguma dificuldade lá consegui desencavar que existia numa tal de Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil um curso de bacharelado e licenciatura na misteriosa ciência. Descobri, também, que alguns professores daquela Faculdade tinham organizado um curioso cursinho pré-vestibular para — segundo eles — orientar adequadamente os jovens incautos que pretendiam dirigir seus futuros para tão incertas e nebulosas paragens. Do tal cursinho — oferecido à noite nas próprias instalações da FNFi — podia dizer-se, no mínimo, que ele não era nada convencional: em vez da Álgebra, da Geometria, da Trigonometria e da Física convencional, a que estávamos acostumados, eram-nos oferecidas estranhas aulas de Lógica, onde, na sala às escuras, devido a freqüentes interrupções de energia (parece que quando o laboratório de Química se metia a fazer experiências, o primeiro que conseguiam era fundir metade dos fusíveis da Faculdade) o jovem mestre, iluminado pelos pálidos reverberos de um longínquo anúncio luminoso, tentava explicar-nos as sutilezas das condições necessárias e suficientes.

Eu, que me sentava sempre nos últimos bancos com alguns colegas de escola, entre os quais sobressaia a figura de um motoqueiro que corria profissionalmente e que me declarara que decidira estudar Física para tentar entender "a tal lei de Newton", logo descortinei, lá embaixo, nas primeiras filas, um jovem muito quieto, muito sério, muito calado, muito isolado. Lembro-me de ter comentado que a universidade brasileira começava a parecer-se com uma creche, pois já aceitava criancinhas imberbes, que óbviamente não teriam quaisquer condições de enfrentar as ásperas dificuldades de um curso superior de Física.

Já devem ter percebido que o jovem quieto, sério, calado e isolado, que a tal "criancinha imberbe", era

\* Palavras proferidas na 1<sup>a</sup> Escola de Verão de Física de Partículas e Campos, Fev. 1981, USP.

Jorge André Swieca. Tinha ele, então, 17 anos e obteve, nesse ano, o primeiro lugar no exame vestibular.

Tornamo-nos amigos em 1955, colegas que éramos, juntamente com Nicim Zagury, no primeiro ano do curso de Física e eu logo me defrontei com excepcionalidade de sua inteligência. Ainda hoje me recordo, dada a impressão que me fez, da facilidade mágica com que ele descobria as soluções dos problemas de Álgebra Moderna do nosso curso de primeiro ano. Perguntava-lhe como lhe tinha ocorrido a resposta e ele respondia, simplesmente, que não sabia, que, de alguma forma havia "visto" a solução. Depois de trabalharmos algum tempo, verificávamos, inexoravelmente, que aquela era, de fato, a solução. Essa capacidade de "ver" as respostas, de fazer imagens mentais de complexos problemas abstratos — e que começa agora a ser estudada por alguns centros de Psicologia na França — é bem sabido ter sido uma das características relevantes de pessoas como Einstein, Poincaré e Bertrand Russel. André possuía essa capacidade num elevadíssimo grau e nunca cessou de me admirar a facilidade que ele tinha em "traduzir" em termos inteligíveis para os não especialistas, para os leigos e para os menos dotados do que ele, seja as abstrusas complicações em que ele vivia mergulhado, seja, a rigor, qualquer problema em praticamente qualquer área da Física. Essa sua característica, raríssima, de poder explicar em termos simples, de fazer traduções intuitivas estava justamente centrada no poder que ele tinha de "ver" os problemas e, "vendo-os", de lê-los, de interpretá-los, de entendê-los muito mais profundamente. Essa característica de tradução, associada a uma maneira afável, educada, não agressiva, e implementada, muitas vezes, na forma de um diálogo, fazia com que os seus interlocutores, além de também passarem a "ver" as coisas, pudessem, até, convencer-se de que haviam visto sózinhos.

André nasceu a 16 de dezembro de 1936 em Varsóvia e ali viveu até o final do verão de 39, até setembro, quando os seus pais e tios tiveram que fugir do holocausto nazista. Atravessaram toda a Rússia — pela trans-siberiana — e dali para o Japão, de onde, por sua vez, se dirigiram para Buenos Aires, aonde chegaram em 1941. Um ano e meio depois, em julho de 42 alcançavam, finalmente, o Rio, após uma viagem de três anos.

O seu curso secundário ele fê-lo no Colégio Melo e Souza em Copacabana, de onde entrou diretamente para a Faculdade Nacional de Filosofia. Formamo-nos, André, Nicim e

eu em 1958 e, enquanto Nicim e eu entrávamos para o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, André, encaminhado por Plínio Sussekind Rocha, nosso professor de Mecânica Analítica, dirigiu-se aqui para São Paulo, recomendado a Mario Shemberg. Daí, ele foi para Munique trabalhar com Heisenberg e o seu grupo. Voltou para a USP onde então se doutorou em 1963. Depois do seu doutoramento, permanece como Assistente na Cadeira de Mecânica Quântica do Departamento de Física da USP, com inúmeras viagens a convite para oferecer cursos em Escolas Internacionais, para efetuar estadas em Instituições nos Estados Unidos e na Europa, sempre reconhecido entre os seus pares internacionais como um dos grandes na área da Teoria Quântica de Campos.

Recebe o segundo Prêmio Moinho Santista, chega a livre-docente da USP. Transfere-se 10 anos atrás para a PUC do Rio, de onde se ausentou há dois anos para dirigir-se para a Universidade Federal de São Carlos.

Quis aqui e agora bosquejar apenas muito superficialmente a carreira de Jorge André, reservando para uma outra oportunidade um desenvolvimento mais aprofundado, mais crítico e circunstanciado. O que se pretendeu foi que nesta 1<sup>a</sup> Escola de Partículas e Campos — de cujas conversações iniciais ele participou na reunião de Cambuquira do ano passado, e que está sendo organizada por dois ex-alunos seus — se marcasse, embora informalmente — a sua presença e se lembrasse a sua memória.

Tendo ouvido de diversos participantes desta Escola a idéia de que ela passe a associar-se definitivamente à memória de Jorge André, eu gostaria, nesta oportunidade, de sugerir que ela passe a chamar-se "Escola de Verão Jorge André Swieca".

A análise dos 20 anos da sua obra está sendo aqui magnificamente desenvolvida por Bert Schroer, com a intimidade, com o conhecimento, com a admiração, e porque não dizê-lo, com o carinho que pouquíssimas pessoas além de Bert poderiam reconhecer nesse conjunto de publicações. Eu, despreocupadamente e em poucas palavras quero apenas recordar o amigo e o irmão que tanta falta nos faz a todos.

Que falta, realmente, ele nos faz! Por quantas vezes já, eu, durante o transcorrer desta Escola, esperei que fizesse ouvir a sua intervenção sempre serena, sempre segura, quase que sempre definitiva. Estou mesmo a imaginá-lo em frente ao quadro, com a camisa querendo fugir-lhe das calças, um

cigarro entre os dedos, a nos contar na sua maneira tão única, a sucessão de idéias que ele ia deixando escorrer limpidas, definidas, fortes. Que prazer ouvi-lo, que satisfação perceber o encadeamento precioso e tão particular e tão characteristicamente próprio dos pensamentos que ia produzindo.

Figura destacada, reconhecida como um dos grandes do mundo na sua especialidade, nunca se viu Jorge André dar uma entrevista à Imprensa, nunca se soube do seu desejo de dis putar um cargo de direção, uma posição de mando, uma situação de poder. Nunca buscou essa direção, esse mando, esse poder tão transitórios, fugazes e ilusórios, com que nos ocupamos e comprazemos quase todos nós. Em vez disso, deixou-nos a sua imagem sossegada, educada e sempre cortês; em vez disso, ficou-nos na memória a sua afabilidade e o seu sorriso frequente, em bora esse nem sempre conseguisse mascarar o peso do fardo interior que o esmagava.

Já por diversas ocasiões tenho surpreendido em conversas com diferentes pessoas a impressão que lhes fazia a maneira de André tratar e interagir com os seus estudantes. Im pressionava sobremaneira, o cuidado extremo de não deixar trans parecer as diferenças entre professor e aluno, entre orientador e orientado. Essa, aliás, uma de suas características marcantes: a de falar com todos da mesma maneira, daquele modo tão seu e que deixava no interlocutor a sensação de que ele também participava integralmente da maravilhosa aventura intelectual da descoberta. E esse compartilhamento na sensação radiante da descoberta ele proporcionava-o a todos indistinta e francamente, de maneira tão natural, que essa partilha era aceita como numa sociedade entre iguais. E nessa igualdade proporcionada es tava a sua grandeza.

Mas eu vou terminar.

O sentimento de perda, a certeza da ausência irreparável, a imensa falta que ele nos faz a todos: a todos os seus colegas, a todos os seus colaboradores, a todos os seus alunos, a todos os seus amigos, por estar muito vivida, muito sofrida, não poderá ser tão cedo absorvida e assimilada. Tere-mos, todos nós, que conviver com a sua memória, com a sua obra e — sobretudo — com o seu exemplo. Com o seu exemplo de seriedade irrecorável, de absoluta correção profissional; com o seu exemplo de dedicação total e exclusiva à procura de um pouco mais de compreensão, de um pouco mais de claridade por esses caminhos tão imprecisos do desconhecido e que ele, sempre tão quieta e desprendentemente, nos ajudou a tentar desvendar.